

A ética solidária em Richard Rorty: o neopragmatismo contra o relativismo moral

Solidary ethics in Richard Rorty: neopragmatism against moral relativism

Bruno Araujo Alencar

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

araujo331@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3997797041356804>

Resumo

Esse trabalho tem o objetivo de analisar dois aspectos da filosofia neopragmatista de Richard Rorty (1931-2007), no campo da ética: sua proposta de uma ética solidarista sem fundamentos e a acusação de que sua postura filosófica recai em um relativismo moral. Inicialmente, apontaremos como o neopragmatista propõe sua ética solidária de acordo com as necessidades humanas, através da reflexão dos problemas sociais baseados em comunidades culturais específicas, por meio de *vocabulários alternativos* que nada inferem em regras, simplesmente (re) descrevem de acordo com o contexto linguístico para que tenham *utilidade* contingencial aos problemas humanos. Em seguida, apresentaremos o relativismo moral inserido dentro do contexto filosófico do texto *Pragmatic Ethics* (2000), de Hugh Lafollete, tratando apenas alguns momentos em que existe uma proximidade com críticas às pretensões solidárias as quais Rorty faz menção dentro de uma postura relativista, trazendo ao mesmo tempo, alguns debates que exortam opiniões que apontam o erro do filósofo norte-americano, ao propor sua ética solidária. Nosso trabalho conta com o aporte teórico de Blackburn (2013), Donelson (2017), Lafollete (2000), Rorty (1979; 1980; 1989; 1991), entre outros. A pesquisa indica que esse tipo de acusação de relatividade moral a Rorty possui paradoxos dentro das críticas aqui apontadas, haja vista que tal análise de neopragmática se faz em volta de uma discussão ética involucra em um solidarismo humano que se preocupa apenas com o debate dos problemas atuais que perpassam toda a moralidade, tratando tudo à luz de *vocabulários alternativos* ao invés de normativas morais relativísticas.

Palavras-chave: Moral. Relativista. Solidarismo.

Abstract

This work aims to analyze two aspects of Richard Rorty's neopragmatist philosophy (1931-2007), in the field of ethics: his proposal for a solidarist ethics without foundations and an accusation that his philosophical stance falls into a moral relativism. Initially, we will point out how the neopragmatist proposed his solidary ethics in accordance with human needs, through the reflection of social problems



based on specific cultural communities, through *alternative vocabularies* that do not infer anything from rules, simply (re)describing according to the context language for what contingent *utility* to human problems. Then, we will present the moral relativism inserted within the philosophical context of the text *Pragmatic Ethics* (2000), by Hugh Lafollete, dealing with just a few moments in which there is a proximity with criticisms of the solidarity pretensions as which Rorty mentions within a relativistic posture, bringing at the same time, some debates that exhort the opinion that point out the error of the American philosopher, in proposing his solidary ethics. Our work has the theoretical support of Blackburn (2013), Donelson (2017), Lafollete (2000), Rorty (1979; 1980; 1989; 1991), among others. The research indicates that this type of accusation of moral relativity to Rorty has paradoxes within the criticisms pointed out here, given that such neopragmatics analysis revolves around an ethical discussion that involves human solidarity that is concerned only with the debate of problems. that pervade all morality, treating everything in the light of *alternative vocabularies* to the units of relativistic moral norms.

Keywords: Moral. Relativist. Solidarism.

Introdução

Esse trabalho apresenta um debate moral a partir de uma acusação de relatividade teórica ao qual o filósofo neopragmatista Richard Rorty é alvo, pois tencionaria uma possível guinada relativística para a sua proposta de solidarismo humano. Tal proposta seria um paradoxo do filósofo norte-americano ao tentar endossar uma proposta ética para uma prática humana útil dentro da política social, com o objetivo de evitar a crueldade entre os seres humanos dentro de uma cultura específica. Tornar-se-á evidente que alguns filósofos julgam a ética solidária como relativizada, por engendrar pensamentos que outras pessoas, em comunidades distantes, podem não ser beneficiados com tal comprometimento ético (PUTNAM, 2017). Contudo, a leitura neopragmática aponta a adoção de vocabulários alternativos para dar utilidade a discussões linguísticas para resolver problemas transitórios e urgentes, o que seria bom, do ponto de vista pragmático, sendo uma ética sem princípios ou critérios.

Na primeira seção, explicitaremos como o neopragmatista encara toda essa crítica que é fundada contra seu modo de pensar a ética. O que Rorty (1989) procura fazer, é mover os dilemas morais, tais como regras e normas, para o campo da política cultural, numa maneira útil de propor uma conversação frutífera em volta de metáforas, como o que é bom para se acreditar em um determinado momento urgente de um contexto humano, envolvida numa ética solidária.

Para o neopragmatista, o relativismo só finca suas asserções em analisar regras e critérios, não se preocupa em descrever o que seria útil para os dilemas morais emergentes em caráter transitório, em prol de uma humanidade solidarista. Nesse sentido, o que Rorty tenta



mostrar é como algumas ferramentas linguísticas, como a utilidade em usar algumas metáforas, podem ser benéficas para a humanidade, do ponto de vista ético, já que podem incentivar a acomodar vocabulários morais existentes e supérfluos, para partir em busca de novos vocabulários alternativos para resolver conflitos e estimular a solidariedade humana.

Na segunda seção, faremos um epítome da perspectiva rortyana de estar mencionando uma ética solidária enviesada por uma prática pragmatista desleixada, do ponto de vista da moral, sendo passível de empregar critérios de ação, que até mesmo os bons pragmatistas observam. O filósofo norte-americano parece mostrar uma postura humana para o que poderia ser bom para se acreditar; porém, do ponto de vista relativista, isso acaba que por remeter ao contexto dualista de bom ou mal. E isto, sem sombra de dúvidas, coloca Rorty numa contradição, uma vez que parece elencar o que seria mais razoável dentro de um contexto cultural.

A investigação ainda constata que Rorty (1989), parece incutir uma certa utopia sobre o solidarismo, mencionando que as culturas podem estabelecer uma moral temporal. Afinal, parece apresentar que sua proposta é mais coerente, ao mencionar a moral criteriosa como inadequada para as práticas humanas. Porém, acaba realizando toda essa comensuração em volta de padrões mínimos de regras as serem seguidas, já que ao que tudo indica, as culturas têm que estabelecer uma certa razoabilidade a seguirem.

Dessa forma, quando a proposta de Rorty entra em evidência, não será discutida como critérios ou conceitos do ponto de vista moral, ela simplesmente será debatida como vantagem ou desvantagem para uma determinada cultura, através de uma política social. Por fim, o texto apresentará discussões que irão mostrar o argumento de Richard Rorty, de modo que tornar-se-á perceptível a acusação relativística ao neopragmatista, e de como ele foge da acusação de empregar critérios normativos para sua ética.

1. A ética de Rorty: o solidarismo sem conexões relativísticas

Nessa seção, será exposto como o neopragmatista apresenta a ética solidária com o intento de subsidiar práticas humanas úteis ao progresso social. Assim, a abordagem inicial recai sobre a apresentação dos principais argumentos sobre o pragmatismo e neopragmatismo, como alicerce para a compreensão do que seria essa ética solidária em Rorty. Para tanto, tornar-se-á evidente que a contingência humana deverá ser (re) descrita através de *vocabulários*



alternativos, caracterizando a discussão dos problemas e necessidades humanas atuais como a descrição filosófica útil para uma determinada comunidade cultural, sem ir de encontro ao relativismo.

Nesse sentido, a abordagem inicial recai sobre um dos percussores do pragmatismo, Charles Sanders Peirce (1839-1914). A observação de Peirce surgiu da necessidade de trazer para a prática social, exames linguísticos que fomentassem a discussão dos problemas humanos, de modo que, ao experimentarem aplicações de práticas de linguagem diferentes, por exemplo, balizariam conceitos que de fato tivessem significado de ação:

Segundo Peirce, a imprecisão dos conceitos envolvidos nas discussões filosóficas e a vaguidade semântica das palavras empregadas constituem um obstáculo considerável à solução dos problemas filosóficos. A fim de viabilizar a solução de tais problemas, ele acreditava ser necessário a aplicação de um método que permitisse examinar os conceitos utilizados e determinar os seus respectivos significados em termos experimentais, isto é, considerar as possíveis conseqüências práticas que poderiam resultar da aplicação desses conceitos na conduta humana para atribuir-lhes significado. Peirce concebia o **pragmatismo** como um método capaz de elucidar o significado de conceitos obscuros a partir do exame de seus efeitos na conduta humana (SILVA, 2008, p. 102, grifo nosso).

A perspectiva pragmática de Peirce, e de seus sucessores, como John Dewey (1859-1952), permitiu uma análise rortyana em busca do que seria útil para a contingência humana, mas não em sentido *lato*, e sim, para contextos comunitários específicos, aos quais tenham demandas culturais inerentes aos seus hábitos diários. Assim, a separação do modo como a filosofia pragmática via a tradição filosófica pôs em questão a famigerada relação entre sujeito e objeto, dando lugar a uma filosofia com aspectos mais sociais:

Se tivermos uma concepção deweyana do conhecimento, como aquilo em que somos justificados em acreditar, então nós iremos imaginar que existem restrições duradouras sobre o que pode contar como conhecimento, uma vez que veremos "justificativa" como um fenômeno social, em vez de uma transação entre "o sujeito conhecedor" e "realidade". (RORTY, 1994, p. 9, tradução nossa).

Desse modo, Rorty (2009) apresenta o neopragmatismo como uma adequação do pragmatismo clássico, melhorando aspectos filosofia social, redescrivendo o que ora fora apresentada por Dewey, seu herói filosófico, a partir de uma filosofia da linguagem que estivesse ligada ao presente. A presença de *vocabulários alternativos* dá contornos úteis aos propósitos humanos e acabam caracterizando sua filosofia neopragmática:

[...] defende uma concepção em que os diversos vocabulários alternativos existentes são considerados não peças de um quebra-cabeça universal, mas sim instrumentos



alternativos: não expressam e não representam coisa alguma, apenas servem para diferentes – e às vezes inéditos – propósitos humanos (SILVA, 2008, p. 116).

Após esse breve preâmbulo acerca da filosofia pragmática, a ênfase recairá sobre a ética solidária sem conexões relativísticas, que para o neopragmatista, apenas dá contornos sociais significativos para os propósitos humanos atuais, fugindo de uma acusação de relatividade teórica (RORTY, 2009).

Em se tratando do desejo rortiano em criar uma sociedade sem crueldade, propondo certas descrições morais ao invés de outras, para alcançar uma solidariedade cultural de maneira ímpar, trazendo para comunidades culturais aquilo em que se é bom para se acreditar, o filósofo norte-americano apenas redescreve a filosofia de maneira inusitada através de *vocabulários alternativos* (RORTY, 1989). Todavia, é constantemente acusado de ser um relativista, talvez por fazer menções à transitoriedade; porém, o faz de maneira que subsidie a política cultural:

[...] minha estratégia para escapar das dificuldades autorreferenciais em que "o relativista" continua se metendo é mover as coisas da epistemologia e metafísica para a política cultural, conhecimento para reivindicações e apelos à auto-evidência para sugestões e informações sobre o que devemos tentar (RORTY, 1993, p. 457, tradução nossa).

A estratégia de Rorty consiste em realizar uma guinada proposital fazendo com que ocorra um movimento que distancie as ações morais da tradição filosófica para o campo da política cultural, numa tentativa de traçar narrativas úteis aos propósitos humanos (RORTY, 1989). Desse modo, a relatividade filosófica não coaduna com o posicionamento de traçar contingências úteis para a política cultural atual, o que o neopragmatista faz é adotar uma filosofia social através *vocabulários alternativos* para inserir num dado contexto humano presente, o que seria realmente bom para todos “O relativismo é frequentemente usado para se referir à tese absurda de que toda convicção moral é tão boa quanto qualquer outra convicção moral” (RORTY, 2010, p. 11, tradução nossa). Esse caráter redundante da relatividade, mostra o posicionamento adotado por Rorty de (re) descrever a moral que não atende às expectativas transitórias, insistindo em apenas analisar conceitos após conceitos (RORTY, 1989).

Assim, para Rorty, em meio ao relativismo moral, tem-se o que seria um único vocabulário, que segundo ele, seria algo meramente *literal*, isto é, uma descrição para lidar com um certo problema filosófico, descrevendo-o para simplesmente acomodar um problema que já existia, em cima de outros como o mesmo valor ético, do ponto de vista da tradição (SILVA, 2019). O que o filósofo norte-americano pretende, é que utilizemos um novo verbete que sirva



para alguns problemas e não para todos, de maneira que compartilhe os desejos morais de uma comunidade específica; mas partindo de algo que ainda não saberíamos se seria o certo a usar e sim sobre o que devemos tentar fazer, e senão servir, iremos (re) descrever, até encontrar a questão certa (RORTY, 1989).

Nesses termos, o literal é aquilo que podemos acomodar nos vocabulários existentes, e o metafórico é o que nos estimula a apresentar um novo vocabulário. Porque são marcas e ruídos desconhecidos e não-categorizados, as metáforas são algo não-regulado; elas são saltos no escuro (CALDER, 2006, p. 40).

As metáforas compreendem o cerne da questão para sair da hipotética nomeação relativista que percorre o âmbito das discussões morais do neopragmatismo de Rorty, já que “[...] não há verdade no relativismo, mas muita verdade no etnocentrismo: não podemos justificar nossas crenças (na física, ética [...] mas apenas aquelas crenças que se sobrepõem às nossas sob algumas medidas apropriadas)” (RORTY, 1993, p. 451, tradução nossa).

Esse expediente etnocêntrico causa incômodo nos críticos de Rorty, pois a incredulidade nesse tipo de ética, parte da não aceitação da *utilidade* de se discutir os problemas humanos em termos de transitoriedade, ou seja, o que pode servir hoje, pode não ser mais necessário amanhã (RORTY, 1989). Assim, a falta de uma regra para esse tipo de ética, que é explicitada pela adoção de *vocabulários alternativos*, é a ferramenta linguística mais adequada, para o neopragmatista:

Dois níveis de alegação operam aqui. Em primeiro lugar, o “etnocentrismo” (definido, mais uma vez, como a idéia de que somos seres culturalmente situados que devemos, quando avaliamos alegações alternativas, operar por nossas próprias luzes) não é a mesma coisa que o relativismo (a tese de que culturas alternativas operam por regras radicalmente incomensuráveis e intraduzíveis umas nas outras) (CALDER, 2006, p. 55-56).

O etnocentrismo de Rorty, está ligado a *vocabulários alternativos* que subsidiam a ação humana como forma primeva de redescrever para imaginar. É através da conversação que se torna uma nova filosofia ética e edificante que se adequa às necessidades contingenciais que emergem de debates urgentes de uma sociedade específica “[...] etnocentrismo, isto é, como não existe nada que seja transcendente em relação às práticas culturais, contingentes, históricas [...]” (SILVA, 2019, p. 153). Assim, como exemplo, a tolerância cultural na América difere do que é a da Europa, uma vez que o que pode ser tolerante para uma determinada cultura, pode ser anormal para outra (RORTY, 2005).



Nesse contexto metafórico, ao qual Rorty utiliza, não podemos saber como a metáfora funciona dentro de alguns problemas morais mundanos, apenas que elas existem para determinados propósitos e não para outros, já que se soubéssemos, estaríamos aplicados certos critérios relativísticos, o que não faz parte das discussões elencadas por Rorty (LAFOLLETE, 2000):

Para perguntar “como funcionam as metáforas” é como perguntar como funciona o gênio. Se soubéssemos disso, o gênio seria supérfluo. Se soubéssemos como as metáforas funcionam, elas seriam como as ilusões do mago: questões de diversão, ao invés de [...] instrumentos indispensáveis do progresso moral e intelectual (RORTY, 1991, p. 172, tradução nossa).

Dentro da discussão ética no neopragmatismo de Rorty, sua ideia tem como objetivo mostrar que o debate não é centrado em presunções de relatividade moral, oriundas de disputas filosóficas que refletiram problemas morais da tradição (RORTY, 1979). Por ser acusada de relativismo, a ética pragmatista não é submetido por diretrizes e regras, pois esse tipo de filosofia não trabalha “[...] analisando conceito após conceito, testando hipótese após hipótese[...].” (RORTY, 1989, p. 9, tradução nossa). A ética que Rorty propõe para o debate moral, requer que a tratemos pensando de uma maneira diferente ao que ora fora instituído por meio de leis e diretrizes, ele simplesmente diz que devemos trazer todo o embate moral para o campo de política cultural (RORTY, 1991).

Quando o fio condutor de uma questão cultural é colocada em debate, o pragmatista não tenta lê-las à luz de princípios, teorias ou verdades morais, apenas refuta tais ideias para tratar os problemas sociais que seriam relevantes para alguns contextos e não para todos “Os pragmatistas éticos [...] afirmam que as verdades morais, se existirem, são irrelevantes” (DONELSON, 2017, p. 389, tradução nossa). Desse modo, ataca ferrenhamente qualquer forma de relativismo moral existente:

"Relativismo" só parece se referir a uma visão perturbadora, digna de ser refutada, se trata de teorias reais, não apenas teorias filosóficas. Ninguém realmente se importa se houver incompatibilidade de formulações alternativas de um imperativo categórico, ou conjuntos incompatíveis de categorias do entendimento puro. Nós nos preocupamos com cosmologias alternativas, concretas, detalhadas, ou propostas para mudança política. Quando tal alternativa é proposta, nós a debatemos, não em termos de categorias ou princípios, mas em termos de várias vantagens e desvantagens concretas que tem (RORTY, 1980, p. 729, tradução nossa).

O filósofo norte-americano afirma que seria necessário que esse desejo por objetividade fosse substituído por problemas que afetam a comunidade cultural, em um determinado



momento, resolvendo problemas concernentes à sua estrutura contingencial, que necessitam ser debatidos a partir de políticas sociais (RORTY, 1989). Na visão de Rorty, o relativismo advém de uma estrutura positiva da metafísica, tratando problemas como teorias desnecessárias aos problemas sociais existentes “[...] o desafio relativista nos aponta para um grande buraco metafísico: a lacuna em nossa ontologia ou visão de mundo que devemos tentar desesperadamente superar” (BLACKBURN, p. 54, 2013, tradução nossa). Diante de tais problemas relativísticos, a ética neopragmática não poderá ser confundida como uma filosofia que procura adentrar a tais estruturas conceituais que trabalham uma visão de que alguma coisa é relativa em relação a outra:

[...] não está claro por que “relativista” deveria ser considerado um termo apropriado [...] que *realmente* é adotada pelo pragmatista. Já que o pragmatista não está adotando uma teoria positiva que afirma que algo é relativo em relação a alguma outra coisa. Ele está, a invés disso, fazendo a afirmação puramente *negativa* de que deveríamos abandonar a distinção tradicional entre conhecimento e opinião, construída com a distinção entre verdade como correspondência com a realidade e verdade como um termo de louvor para crenças bem justificadas (RORTY, 1991, p. 23-24, tradução nossa).

Diante o exposto, de acordo com Rorty, a ética pragmatista não finca suas ações em problemas relativísticos, visto que esse tipo de questão é tratada sob uma égide de conceitos, diretrizes e teorias, versando sobre a tradição filosófica, o que não é o objetivo de Rorty. O que o filósofo norte-americano roga, é uma forma de solidarismo humano, que primazia a ética, numa utilidade contingencial, preocupada com a transitoriedade de contextos culturais, envolvendo políticas sociais que exercem certas medidas emergenciais que precisam ser resolvidas e não debatidas corriqueiramente como o relativismo moral.

2. O relativismo moral: a acusação sobre o neopragmatismo de Rorty

Nesta seção iremos tratar da acusação relativística, do ponto de vista moral, observada na ética neopragmatista de Richard Rorty, a partir da análise do texto *Pragmatic Ethics* (2000). Desse modo, será apresentado o contexto filosófico que considera esse paradoxo ético neopragmatista que tenta exaltar uma moralidade, com meios e fins relativísticos. Assim, utilizaremos algumas abordagens teóricas, tal como a de Putnam em *Pragmatism as a Way of Life: The Lasting Legacy of William James and John Dewey* (2017), que apresenta críticas para a proposta ética rortyana, ressaltando a tentativa frustrada do filósofo norte-americano ao endossar uma abordagem solidária para a discussão moral em um determinado contexto, de



acordo com a realidade de uma dada comunidade cultural; porém, não deixando claro o que propõe, inclinando para características da relatividade moral.

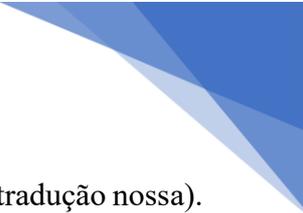
As discussões de Rorty, do ponto de vista da moral, não conseguem esclarecer claramente que proposta de prática solidária seria essa que propõe novas práticas humanas a partir da adoção de novas ferramentas linguísticas que são capazes de destacar formas úteis para se viver de modo afetivo entre os seres humanos para uma determinada comunidade e não para outras, caindo em uma contradição, uma vez que essa recorrência seria apenas uma abordagem relativista (PUTNAM, 2017). Ao que tudo indica, esse modo como o filósofo norte-americano discorre sobre como devemos imaginar a cultura, para o que seria efetivamente bom, mostra um certo descredito sobre a importância de como as comunidades culturais chegaram a tal *status quo* da moralidade, parecendo que quer banalizar o passado:

Embora Rorty explique ainda mais a noção de uma busca de solidariedade em termos de identificação com uma comunidade real ou imaginada, cujos valores se abraçam e tentam defender e melhorar, essa característica positiva é muito comunitária pelas minhas luzes. Além disso, Rorty tem alguma conversa enganosa sobre a justificação de seus compromissos morais, referindo-se apenas às coisas dentro da comunidade e não fora dela. Isso é enganoso, porque parece que Rorty nos impede de pensar se outras pessoas em tempos e lugares distantes têm ou tiveram melhores ideias sobre como viver [...] (DONELSON, 2017, p. 386, tradução nossa).

É dentro desse posicionamento relativo, que a pretensão em ascender para o campo de uma solidariedade humana descartando a análise histórica do contexto humano no passado, falha. O neopragmatista ressalta uma certa obscuridade sobre a moral do passado; mas diante disso, far-se-á uma inconsistência, autocontraditória, pois afirma não necessitar do senso de objetividade do universalismo moral ao qual a moralidade deve estar inserida, já que realiza uma observação da moral, num sentido kantiano, para traçar sua ética solidária (HILL, 2000):

O pragmatismo nos ajuda a entender por que essas não são nossas únicas opções [...] refletem nossa melhor compreensão da vida moral e explicam por que essa fornece toda a objetividade de que precisamos, mesmo que não forneça a certeza de que ocasionalmente deseja [...] (LAFOLLETE, 2000, p. 416, tradução nossa).

No contexto dessa pressuposição, a reflexão percebe que existem falsos pragmatistas, já que internalizam uma espécie de teoria absolutista da moral, uma vez que o ideal seria admitir o falibilismo ao qual pode estar susceptível, tendo em vista que muitos filósofos que se julgam pragmáticos, incorrem no erro em aceitar que suas propostas práticas são canônicas, ideias e nunca estariam sujeitas ao erro: “Qualquer pragmático reflexivo percebe que pragmatistas desleixados ou inescrupulosos (como deontologistas descuidados e inescrupulosos



ou consequencialistas) podem agir imoralmente” (LAFOLLETE, 2000, p. 417, tradução nossa). Assim, teríamos certamente uma possibilidade de refutação da proposta de Rorty, pois não saberíamos se estaria, de fato, propondo utilidades para a prática solidária humana, algo que seria realmente bom para se acreditar (RORTY, 1989).

Desse modo, seria trivial ressaltar que o relativismo ancora uma tendência de explorar o que seria bom ou ruim, bem e o mal “O relativista faz afirmações paralelas sobre o bem e o mal” (TIMMONS, 2002, p. 60, tradução nossa). A proposta de Rorty faz menção ao que seria útil para um dado contexto cultural, se útil, significa bom, agradável, então o neopragmatista cai na tentação relativística; mas afinal, o que o pragmatista poderia fazer para sair dessa sentença?

[...] a visão de que "não há mais" razoabilidade do que uma determinada cultura acredita, leva imediatamente ao paradoxo; pois uma vez que nossa própria cultura não acredita que o relativismo cultural está correto como uma visão geral da verdade e da justificação, segue-se do próprio relativismo cultural que não é nem verdadeiro nem justificado! (Rorty, é claro, espera mudar isso – estranho, do ponto de vista dele - mas eu não acho que ele terá sucesso). Em breve, a razoabilidade será relativa ao contexto, incluindo a cultura, mas não simplesmente o que uma cultura considera razoável (PUTNAM, 2017, p. 68, tradução nossa).

Logo, a tentativa de Richard Rorty incorre num erro de tornar a convivência uma mera ocasionalidade de modo de vida razoável, sob uma ótica moral: “A existência de desacordo moral e estruturas morais divergentes, muitas vezes serve como base para motivar a consideração séria de âmbitos normativos e formas metaéticas de relativismo moral” (MILLER, 2002, p. 355, tradução nossa). Isso mostra uma inconstância sobre o perspectivismo ético que o neopragmatista propõe, seria isso realmente favorável para as culturas específicas?

Se, como Rorty gosta de afirmar, a noção de um mundo objetivo não faz sentido, então a noção de "nossa cultura" não pode ser mais do que fantasia privada de Rorty, e se não houver tal coisa como uma justificativa objetiva - nem mesmo de afirmações sobre o que outras pessoas acreditem, então a conversa de Rorty de "solidariedade" com as visões de "nossa cultura" é mera retórica (PUTNAM, 2017, p. 59, tradução nossa).

O relativismo moral faz com que o certo e o errado dependam, em última análise, do código moral de uma cultura (TIMMONS, 2002). Nesses termos, Rorty estaria afirmando que o que considera útil é o que é realmente bom para se acreditar, mas se certo significar bom, então notoriamente seria adepto desse tipo de moral do ponto de vista do “[...] relativismo, que é uma teoria moral que apresenta uma explicação positiva da natureza do certo e do errado, bom e ruim” (TIMMONS, 2002, p. 44, tradução nossa). Observamos argumentos que



corroboram com a asserção de o pragmatismo tem conotações relativísticas, porque “Eles especificam conjuntos mínimos de regras a serem seguidas para serem morais” (LAFOLLETE, 2000, p. 415, tradução nossa).

Diante desse contexto, o que o filósofo norte-americano sugere como debates contingenciais de acordo com a comunidade específica, é criar uma (re) descrição para observar a crueldade humana, com o objetivo de discutir problemas morais a partir de um conjunto de hábitos e prática ruins, evidenciando como deveríamos repensar a humanidade para nutrir a esperança de uma sociedade solidária, contudo:

E sobre a crueldade que Rorty pensa, '[nós] não podemos olhar para trás dos processos de socialização que nos convenceu, liberais do século XX, da validade dessa afirmação apelando para algo que é mais "real" ou menos efêmero do que o contingente histórico das cidades que deram origem a esses processos. Temos que começar de onde nós estamos'. Portanto, ele parece endossar claramente a tese da relatividade da estrutura também (MILLER, 2002, p. 359, tradução nossa).

Tornar-se-á claro, a tese de relatividade exposta dentro do contexto da ética solidária de Rorty, uma vez que estabelece padrões mínimos a serem seguidos para viabilizar sua concretização solidária. Ao que tudo indica, sua colaboração para a política cultural endossa uma ideia de bom e ruim, ao tempo que é correlacionada como a solidariedade e crueldade; portanto, se aproxima fidedignamente dos preceitos de relativismo moral.

Considerações finais

Diante o exposto, acerca da acusação de relativismo moral a ética solidária apresentada por Rorty, percebemos uma descrição linguística por intermédio de *vocabulários alternativos* para tratar os critérios empregados pelo relativismo, desvinculando qualquer tipo de conduta relativística amparada de conceitos ou normas. Para o neopragmatista, o que existe é um movimento transitório dentro do etnocentrismo; mas quem estará no centro de sua ética é um olhar útil que nutre a esperança solidária entre os seres humanos, não um conjunto de elementos normativos que dizem o que é certo ou errado.

Ao se utilizar de novas ferramentas linguísticas, o filósofo norte-americano mostra que não se deve empregar critérios, mas sim, perceber tudo à luz de contingências que refletem todas as necessidades humanas em um dado contexto cultural, uma vez que: o que é possível ser bom para algumas comunidades culturais, pode ser anormal para outras. Nesse sentido,



mostra como podemos lidar com os problemas que surgem diante de “nós”, mostrando que o vocabulário alternativo para se usar, é o que substitui a razão pelo afeto dentro da humanidade (CALDER, 2006). Quando tais descrições se tornarem inadequadas, deverão refletir novamente os problemas atuais de cada comunidade sem empregar critérios, através de novas metáforas linguísticas que aparentarão ser estranhas em determinado instante, mas que servirão de alicerce para ter *utilidade* diante das novas necessidades contingenciais.

Porém, o que os críticos afirmam é que o filósofo neopragmatista parece banalizar as discussões morais que foram empregadas no passado. Quando traz sua proposta solidária, a faz sem contornos mínimos de critérios; porém, alguns filósofos morais apontam que Rorty recai em um conjunto critérios, caracterizando sua proposta como relativizada.

Por fim, é compreensível que a argumentação de Rorty para fugir da acusação de ser relativista, é adquirida por meios de ferramentas linguísticas que traz um novo vocabulário, o que para alguns críticos, é apenas empregar um critério moral, sendo essa, uma característica do relativismo. Contudo, quando traz *utilidade* para a contingência humana, Rorty enseja discussões em nível transitório, através de uma ética que persuade pela conversação, ao invés de teorias ou critérios relativísticos, tirando da pauta a positividade moral do ponto de vista discursivo e teórico, e, em seu lugar, cria uma ética baseada em *vocabulários alternativos* para os seres humanos atuarem de forma solidária uns com os outros, evitando assim, a crueldade.

Referências

BLACKBURN, Simon. Relativism. In: LAFOLLETE, H; PERSSON, I. Org's. *The Blackwell guide to ethical theory*. 2ª ed. Blackwell Publishing, 2013, p. 43-58.

CALDER, Gideon. *Rorty e a redescrição*. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2006.

DONELSON, Raff. Ethical Pragmatism. *Metaphilosophy*, v. 48, n. 4, jul. de 2017. p. 383-403.

HILL JR., Thomas E. Kantianism. LAFOLLETTE, Hugh. Org. *The Blackwell Guide to Ethical Theory*. Oxford: Blackwell, 2000.

LAFOLLETE, Hugh. Pragmatic Ethics. In: LaFollette, H. *The Blackwell Guide to Ethical Theory*. Oxford: OUP, 2000. p. 400-419.

MILLER, Christian. Rorty and Moral Relativism. *European Journal of Philosophy*, v. 10, dez. de 2002. p. 354-374.



PUTNAM, Hilary; PUTNAM, Ruth Anna. *Pragmatism as a Way of Life: The Lasting Legacy of William James and John Dewey*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2017.

RORTY, Richard. *Philosophy and the mirror of nature*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

RORTY, Richard. Pragmatism, relativism, and irrationalism. *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association*, v. **53**, n. 6, 1980, p. 719-738.

RORTY, Richard. *Contingency, Irony and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. Trad. Denise R. Sales. 1ª ed. Barueri: Manole, 2005.

SILVA, Heraldo Aparecido. Pragmatismo, narrativas conflitantes e pluralismo. *Princípios*. Natal, v.15, n.24, p. 99-133, jul./dez, 2008.

SILVA, Heraldo Aparecido. Etnocentrismo e liberalismo no neopragmatismo de Rorty. *Griot: Revista de Filosofia*. Amargosa, v.19, n.3, p.145-155, out, 2019.

Recebido: 03-02-2021

Aceito: 02-06-2021